

POR UMA ESCOLA CADA VEZ MAIS COLORIDA



POR UMA ESCOLA CADA VEZ
MAIS COLORIDA



Independentemente do lugar do mundo em que você vá, sempre é possível encontrar ruas com nome de flores ou passarinhos. No Brasil, muitos são os lugares que trazem hortênsias, primaveras ou orquídeas no nome. Ou andorinhas, sabiás e araras. Talvez esses pássaros e plantas tenham sido escolhidos por serem coloridos e muito bonitos em suas formas. E rua com nome de gente? Como será que fazem para escolher? Será que essas pessoas todas que as placas de rua eternizam são todas coloridas como os pássaros e as flores?

Infelizmente, se prestarmos bastante atenção, vamos perceber que as pessoas que dão nome a ruas, pontes e comércios muitas vezes não representam bem um mundo tão diverso quanto o nosso, em que existem pessoas com infinitos tons de pele, que falam muitas línguas diferentes e que têm muitos modos de existir e de pensar.

Por isso, é muito importante conhecer outros nomes, que provavelmente não estão em placas pela cidade, mas que fizeram diferença positiva na vida de suas comunidades, cidades e países, e que lutaram por uma sociedade mais justa e por uma cultura que desse espaço para mais gente participar.

Relembrar e valorizar a existência dessas pessoas e suas histórias com as novas gerações é cuidar para que no futuro tenhamos adultos mais conscientes sobre a pluralidade que existe neste planeta chamado Terra!

Neste material, trazemos várias personalidades que merecem ser lembradas por tantas ações bacanas que contribuem ou contribuíram para um mundo melhor. São pessoas afrodescendentes de vários países.

Além disso, aqui você também vai encontrar um material de apoio para a multiplicação desses conteúdos em escolas, provenientes ou não de comunidades remanescentes de quilombos, uma lista de referências a materiais que podem ajudar muito nessa trajetória; e um texto baseado em uma entrevista com Rogério Ribeiro Coelho, professor e profissional especializado em ensino quilombola.

Vamos colorir nossas escolas?

SUMÁRIO

- | | | | | | |
|----|------------------------------|----|---------------------------|----|------------------------------------|
| 5 | PESSOAS ESPECIAIS | 19 | GILBERTO GIL | 33 | MC SOFFIA |
| 6 | ABDIAS NASCIMENTO | 20 | GRADA KILOMBA | 34 | MILTON ALMEIDA DOS SANTOS |
| 7 | ADÃO DO SERRO | 21 | GRANDE OTELO | 35 | NATANIEL NGOMANE |
| 8 | AGOSTINHO NETO | 22 | INGRID SILVA | 36 | NGUNGUNHANE |
| 9 | ANDRÉ PINTO REBOUÇAS | 23 | JOÃO CÂNDIDO | 37 | PAULINA CHIZIANE |
| 10 | ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO PAES | 24 | LÉLIA GONZALEZ | 38 | PRETO ZEZÉ |
| 11 | BIANCA SANTANA | 24 | LENA MARTINS | 39 | RAINHA NZINGA M BANDI |
| 12 | BERNARDINE EVARISTO | 25 | LENNA BAHULE | 40 | RUTH PINTO DE SOUZA |
| 13 | CAROLINA MARIA DE JESUS | 26 | LUÍS GAMA | 41 | SILVIO LUIZ DE ALMEIDA |
| 14 | CELSO COSSA | 27 | MACHADO DE ASSIS | 42 | SOLANO TRINDADE |
| 14 | CESÁRIA ÉVORA | 28 | MALANGATANA | 43 | SUELI CARNEIRO |
| 15 | CHIMAMANDA NGOZI ADICHE | 29 | MAMÃ KUIBA | 44 | YARA NAKAHANDA MONTEIRO |
| 15 | CONCEIÇÃO EVARISTO | 29 | MARGARETH MENEZES | 45 | YVONNE LARA DA COSTA |
| 16 | DALTON PAULA | 30 | MARIA AUXILIADORA | 46 | ZÉ OLÍMPIO |
| 16 | DANDARA DOS PALMARES | 30 | MARIA CELESTINA FERNANDES | 48 | HISTÓRIAS ESPECIAIS |
| 17 | DRAGÃO DO MAR | 31 | MARIA FELIPA DE OLIVEIRA | 51 | UM POUCO SOBRE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA |
| 18 | EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA | 31 | MARIA FIRMINA DOS REIS | 58 | BIBLIOGRAFIA |
| 18 | ELZA SOARES | 32 | MARTA VIEIRA DA SILVA | 62 | FICHA TÉCNICA |



PESSOAS ESPECIAIS

Nas próximas páginas, você irá conhecer pessoas muito especiais. Algumas nasceram no Brasil, outras não, mas todas têm raízes em um continente enorme chamado África, que carrega dentro de si 54 países e um número gigantesco de sociedades e etnias!

É muito importante que pessoas especiais como essas possam ser trazidas para as salas de aula, com o intuito de apresentar aos estudantes histórias de inspiração e de exemplo, a fim de que se espelhem e criem aquilo que eles mesmos serão. Mais importante ainda é trazer pessoas de todos os lugares do mundo, a fim de que as crianças possam se identificar de maneira mais próxima com diferentes personalidades.

No Brasil, sabemos que a presença africana remonta aos tempos coloniais, e que assim como os povos originários e os europeus, os africanos têm papel marcante na formação de nossa cultura.

Por isso, garantir a pluralidade e a valorização das diferenças nas escolas, tendo em vista que nosso país é composto de muitos povos, culturas e saberes, é tornar o ensino para crianças e jovens mais preocupado com a igualdade, o respeito e a gentileza entre pessoas. É também ajudar a criar um futuro mais cuidadoso com questões como preconceito, bullying e racismo.

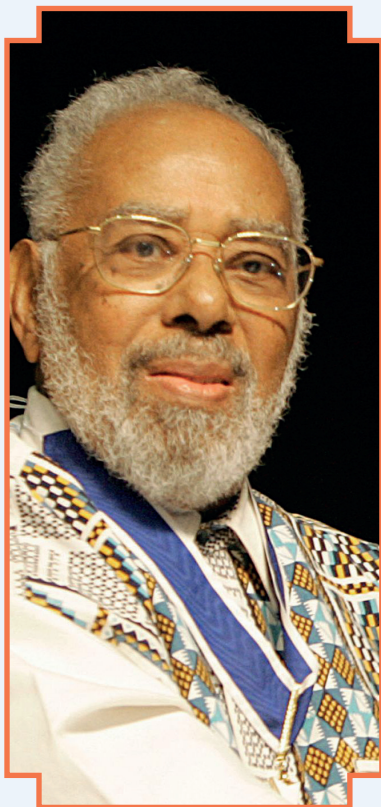


ABDIAS NASCIMENTO

Como descrevê-lo? Foi ator, poeta, escritor, artista plástico e político. Criou, com amigos e amigos, o importante Teatro Experimental do Negro: o grupo fundou a Associação das Empregadas Domésticas e o Conselho Nacional de Mulheres Negras. Além disso, o Teatro era responsável pela publicação do jornal *Quilombo*, que abordava pautas voltadas para a população negra do Brasil e do mundo, por concursos de beleza para mulheres negras (como crítica aos concursos de beleza que pouco valorizavam a beleza afrodescendente) e por cursos de alfabetização.

Presença certa em todos os debates sobre os movimentos negros, Abdias morreu no Rio de Janeiro, em 2011. Escreveu, entre tantos outros livros, *O quilombismo* e *O genocídio do negro brasileiro*.

Ficou conhecido como o mais completo intelectual e homem de cultura do mundo africano do século XX.



Ricardo Stuckert/PR, CC BY 3.0 BR, via Wikimedia Commons

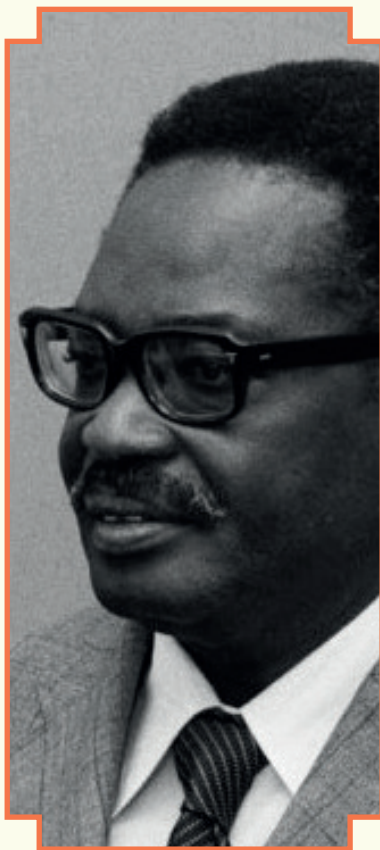
ADÃO DO SERRO

A história conta que foi planejada uma grande revolta contra a escravidão no século XIX, e isso aconteceu na cidade do Serro, a menos de 70 quilômetros de Conceição. Marcada para acontecer durante as festividades do Espírito Santo de 1864, a conspiração contava com escravizados, quilombolas e libertos. Africanos e gente nascida no Brasil. Nesse período foram documentadas mais de 60 rebeliões negras e no meio de uma delas estava Adão. Imaginem que ele trabalhava no centro do Serro, em uma alfaiataria da rua das Flores. E dali participava dessa conjuração junto com José Cabrinha, Nuno, Clementino,

Demétrio, Chico, Luís e muitos outros. Diferentemente de outras lutas do passado, naquele momento havia conspiradores que sabiam escrever. Gente que lia jornais, discutia as ideias abolicionistas e escrevia cartas. Diversas regiões do Serro e de Diamantina se comunicavam através delas. A revolta foi planejada com cuidado e inteligência, mas denúncias anônimas fizeram a polícia acabar com o plano e mais de 40 envolvidos foram presos. As autoridades ficaram atordoadas quando, nas confissões, foi revelado que vários deles sabiam ler e escrever.

AGOSTINHO NETO

Agostinho Neto nasceu em 17 de setembro de 1922, no município de Ícolo e Bengo. Viveu apenas 55 anos, mas deixou como legado a independência e a liberdade do povo angolano. Médico e poeta, ele foi o primeiro presidente da República de Angola. Mas antes de chegar ao poder, lutou muito para ver seu país independente de Portugal. Foi preso várias vezes tanto em Lisboa quanto em Luanda. Viveu na clandestinidade, mas nunca desistiu do desejo de ver seu país independente. Presidiu o Movimento Popular de Libertação de Angola e em 11 de novembro de 1975, proclamou a independência e se tornou o primeiro presidente de Angola. Em 1975-1976 ganhou o Prêmio Lenine da Paz.

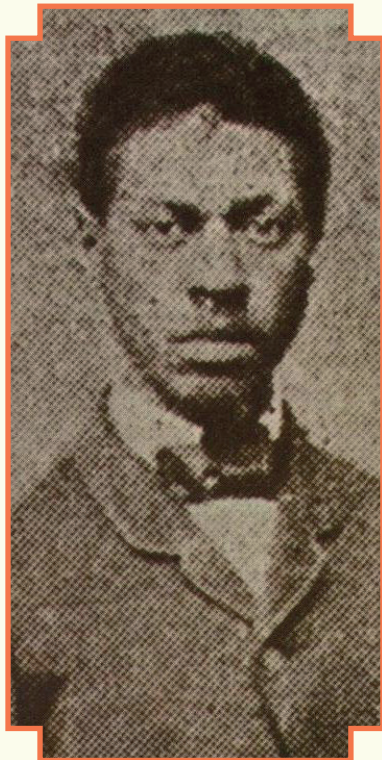


Mieremet, Rob / Anefó, CC BY-SA 3.0 NL, via Wikimedia Commons

ANDRÉ PINTO REBOUÇAS

André era baiano, mas viveu no Rio de Janeiro. Foi um importante nome do movimento abolicionista brasileiro e engenheiro reconhecido por seu talento, como quando solucionou o problema de abastecimento de água da capital.

Ajudou a criar a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, participou da Confederação Abolicionista e redigiu os estatutos da Associação Central Emancipadora. Com a Proclamação da República e a abolição, segue com a família imperial para a Europa. Durante os últimos seis anos de sua vida, trabalhou em prol das colônias africanas.



Unknown author, Public domain, via Wikimedia Commons

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO PAES

Bispo do Rosário foi um artista plástico brasileiro. Não se sabe ao certo onde nasceu. Passou grande parte de sua vida internado em diferentes instituições voltadas para pacientes psiquiátricos. Suas obras foram feitas nesses locais, utilizando-se de objetos do cotidiano, muitas vezes considerados como inúteis ou lixo. Sua vida traz muitas reflexões sobre a luta antirracista, as condições enfrentadas nos manicômios brasileiros e o papel da arte na saúde e seu reconhecimento social.

Suas obras ganham exposição em todo o mundo e muitos livros contam e pesquisam sobre ele, como *O universo segundo Arthur Bispo do Rosário*, de Patricia Burrowehhs, *O artista redentor*, de Gisele Kato, entre outros.

BIANCA SANTANA

Nascida em São Paulo, é jornalista, escritora e professora. É autora de *Continuo Preta: a vida de Sueli Carneiro* e *Quando me descobri negra*, que recebeu o Prêmio Jabuti de melhor ilustração.

Tem atuado como dirigente ou colaboradora de várias entidades ligadas ao movimento feminista negro. Obteve o título de mestre em Educação, pela Faculdade da USP e de doutora em Ciência da Informação, pela Escola de Comunicações e Artes da mesma universidade, com a tese *A escrita de si de mulheres negras: memória e resistência ao racismo* (2020), trabalho que recebeu o Prêmio Tese Destaque USP - 10ª Edição.



TEDx Parque Das Nações Women, CC BY 2.0, via Wikimedia Commons

BERNARDINE EVARISTO

Bernardine nasceu na Nigéria, em 1959, país que só se tornou independente do Reino Unido em outubro de 1960.

É escritora premiada, autora de obras de ficção, ficção em versos, ensaios, poemas, teatro e crítica literária. É professora de escrita criativa na Universidade de Brunel, em Londres, e vice-presidente da Royal Society of Literature.

Garota, mulher, outras é seu oitavo livro, um verdadeiro marco da ficção mundial. Um romance surpreendentemente atual e engenhoso sobre identidade, raça e sexualidade, vencedor do Booker Prize em 2019.



Achom123, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons

CAROLINA MARIA DE JESUS

Foi escritora, compositora e poeta brasileira. Uma das primeiras escritoras negras do país. Retratou seu cotidiano e ficou muito conhecida por seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960. É considerada uma das mais importantes escritoras do Brasil.

Sobre o ato de leitura de sua obra ou outro livro, ela dizia: “Deve existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá: isto é mentira! Mas, as misérias são reais. E quem não tem amigo, mas tem um livro, tem uma estrada”.



Arquivo Nacional, Public domain, via Wikimedia Commons

CELSO COSSA

Celso Celestino Cossa é escritor, e escritor de mão-cheia. Sabe falar muito bem a língua das crianças e dos jovens. Nasceu em Maputo, em 1980. Viveu sua infância no bairro Malhangalene. No período em que esperava a chegada de seu primeiro filho, lançou o livro *Gil e a bola gira e outros poemas para brincar*. Publicou também *O menino que odiava números* e *A galinha costureira*. Ainda inédita, também possui a publicação, *A história de Dandiwa – a menina que ganhou uma bolsa de estudos*.

CESÁRIA ÉVORA

Cesária Évora era conhecida como “a diva dos pés descalços”. Nasceu em Mindelo, Cabo Verde, e foi a cantora de maior reconhecimento internacional de toda a história da música popular cabo-verdiana. Apesar de cantar em diversos outros gêneros musicais, seus trabalhos envolveram principalmente a morna, um gênero musical muito conhecido em seu país. Por isso, também era apelidada de “rainha da morna”.



Fly Global Music Culture, CC BY-NC-SA 2.0, via Flickr, <https://flic.kr/p/2sjjB2>

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Nascida em Enugu, Nigéria, Chimamanda Adichie ficou internacionalmente conhecida por seus livros. Escreveu vários romances, como *Americanah*, *Hibisco roxo* e *Meio sol amarelo*. Publicou também pequenos livros com temáticas políticas e feministas, como *Sejamos todos feministas* e *O perigo de uma história única*.



Howard County Library System, CC BY-NC-ND 2.0, via Flickr, <https://flic.kr/p/VtHmYh>

CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu no estado de Minas Gerais, no Brasil. É linguista e escritora de muitos gêneros, como poesia, romance, conto e ensaio. Também na academia ganhou grande reconhecimento na área de Literatura Comparada.

Influenciou e incentivou muitas outras escritoras negras a publicarem livros, incentivando o protagonismo negro feminino. Um de seus principais livros é *Olhos d'água*.



Fora do Eixo, CC BY-SA 2.0, via Wikimedia Commons

DALTON PAULA

Trabalhou como bombeiro por quase dez anos, mas há bastante tempo é um artista visual brasileiro cujas obras retratam a história e a cultura afro-brasileiras. Apesar de ter nascido em Brasília, foi criado em Goiânia, onde estudou Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás. No campus dessa universidade fica seu ateliê, de onde saíram e saem obras que já moram em alguns museus do mundo.

DANDARA DOS PALMARES

Foi uma mulher guerreira, muito talentosa e co-nhecedora da capoeira. Ela liderou, com o seu companheiro Zumbi, a comunidade do Quilombo dos Palmares, em Alagoas. Palmares foi, por volta de cem anos, entre 1580 a 1710 aproximadamente, o maior núcleo da resistência contra o poder português feito por escravizados fugitivos. No seu auge, o quilombo chegou a ter mais de 20 mil pessoas!



Selma Maria

DRAGÃO DO MAR

Na natureza vivem muitos animais, uns que existem e outros que criamos, como um dragão. Mas veja só que curioso, existiu um jangadeiro brasileiro, o Francisco José do Nascimento, que era chamado de Dragão do Mar. Francisco foi uma figura muito importante para o fim do processo de escravização na região do Ceará, quando, em 1881, ele e alguns colegas, se recusaram a levar escravizados que seriam transportados de barco para o Rio de Janeiro. Faziam uma barreira na água para as embarcações não passarem e assim, participou ativamente do movimento abolicionista no país e nomeou uma de suas jangadas de Liberdade. Em sua homenagem, existe hoje o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, que fica em Fortaleza, capital do Ceará.



Angelo Agostini, Public Domain, via Wikimedia Commons

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais. É poeta. Estudou Letras na graduação e Literatura Portuguesa e Ciências da Religião no mestrado. Fez doutorado em Comunicação e Cultura e pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Zurique. É professor titular da UFJF. Recebeu em 1988 o primeiro prêmio do Concurso Nacional de Literatura da Editora UFMG, na categoria Poesia. Venceu também o Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody, da Secretaria de Cultura do Paraná, em 1998 e o Concurso Nacional de Literatura da Academia Mineira de Letras, em 2004. Além de poesia, escreveu livros infantis e diversos estudos sobre a cultura popular brasileira.

ELZA SOARES

Nasceu no Rio de Janeiro. Foi cantora, compositora musical e puxadora de samba-enredo brasileira. Trabalhou com vários gêneros musicais como samba, jazz, samba-jazz, sambalanço, bossa nova, mpb, soul, rock e música eletrônica. Teve inúmeras músicas no topo das listas de sucesso. Em 1999, foi eleita pela Rádio BBC de Londres como a cantora brasileira do milênio. Além disso, aparece na 16ª posição da lista das 100 maiores vozes da música brasileira elaborada pela revista Rolling Stone Brasil.

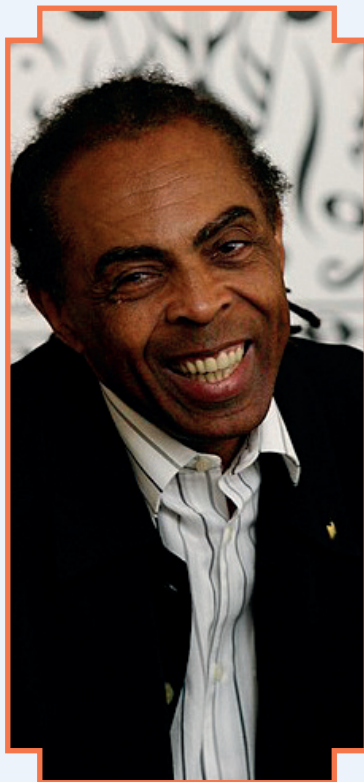


Callanga, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons

GILBERTO GIL

Nasceu em Salvador, Bahia. É cantor, compositor, multi-instrumentista, produtor musical e escritor brasileiro, conhecido por sua contribuição na música brasileira e por ser vencedor de prêmios Grammy Awards, Grammy Latino e honrado pelo governo francês com a Ordem Nacional do Mérito (1997). Em 1999, foi nomeado Artista pela Paz, pela UNESCO. Em 2021, foi eleito para a cadeira de número 20 da Academia Brasileira de Letras.

Gil foi também embaixador da ONU para agricultura e alimentação, e ministro da Cultura do Brasil.



Patrik Österberg, CC BY 2.0, via Wikimedia Commons

GRADA KILOMBA

Formou-se em Psicologia na cidade em que nasceu, Lisboa (Portugal). Mas, apesar disso, seu trabalho se expande para diversas áreas, como arte, escrita e ensino. Temas como racismo, gênero e pós-colonialismo costumam estar presentes em suas obras, sejam elas de qualquer natureza.

Seu trabalho rodou o mundo, de Gana ao Canadá, do Brasil à Alemanha, que é onde Grada vive atualmente. Na Alemanha, dá aulas na Universidade de Humboldt. Um de seus livros mais conhecidos é o *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*.

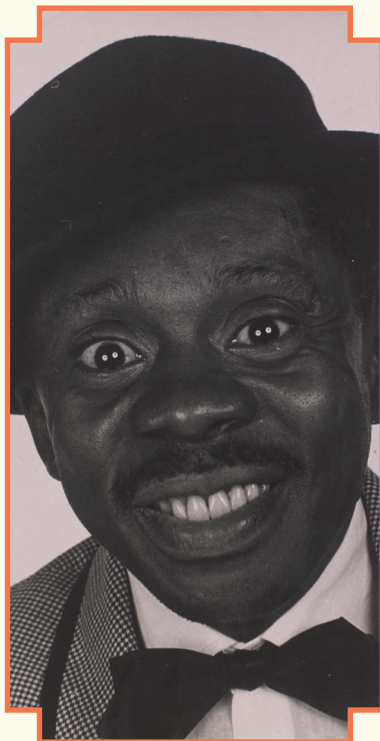


Leo Koako, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons

GRANDE OTELO

Em referência ao conhecido personagem shakespeariano Otelo, na verdade esse homem tinha como nome Sebastião Bernardes de Souza Prata. Nasceu no estado de Minas Gerais, em uma cidade chamada Uberlândia, foi comediante, cantor, produtor e compositor. Também foi ator, talvez um dos mais importantes do país.

Com o filme *Macunaíma*, inspirado na obra de mesmo nome de Mário de Andrade, foi premiado pelo Prêmio Air France, Festival de Brasília e Instituto Nacional de Cinema. Trabalhou em muitas outras obras cinematográficas, foram mais de cem!



Brazilian National Archives , Public domain, via Wikimedia Commons

INGRID SILVA

Ingrid Silva é um exemplo não só para dançarinos e dançarinas, mas também para toda e qualquer pessoa. Nascida no Rio de Janeiro, começou a dançar balé desde criança, graças ao projeto Dançando Para Não Dançar. Depois disso, não parou mais. Dançou em vários lugares do mundo e participou de famosas companhias de dança.

Durante muitos anos, pintou suas sapatilhas de marrom, pois apesar de o balé existir há tantos anos, faz muito pouco tempo que passaram a produzir sapatilhas que não fossem somente cor-de-rosa, acredita? Por isso foi tão significativo ela compartilhar essa experiência de vida com outras pessoas, nos fazendo refletir sobre a igualdade não só na dança, mas em qualquer lugar. Afinal de contas, existem tantas e tantas cores de pele. E que lindo é ser colorido!

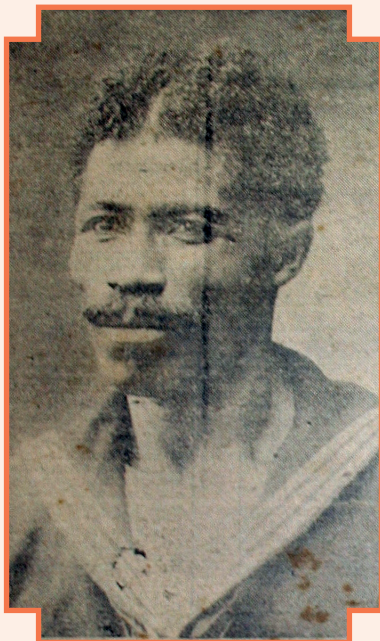
JOÃO CÂNDIDO

Nascido em 1880 no Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, João Cândido Felisberto, militar da Marinha de Guerra, mais tarde conhecido pela história como “Almirante Negro”, reuniu cerca de 2 mil homens, e liderou uma revolta, a Revolta da Chibata. Isso porque na Marinha Brasileira, muitas eram as violações de direitos aos trabalhadores negros. Faltas leves eram punidas com prisão solitária, de três a seis dias, e as mais graves, como desrespeito aos superiores, com chibatadas, diante de toda a tripulação.

Por isso, esse corajoso marinheiro apontou canhões de quatro navios para a cidade da Guanabara e apresentou reivindicações, como o fim imediato das chibatadas, por exemplo. Infelizmente, apesar de sua coragem e ímpeto de justiça e igualdade,

o “Almirante Negro”, assim como os demais envolvidos, foi punido.

Apesar do triste fim dessa história, Cândido ainda hoje é considerado importante símbolo na luta antirracista brasileira.



Jornal Gazeta de Notícias, Public domain, via Wikimedia Commons

LÉLIA GONZALEZ

Nascida em Belo Horizonte. Foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e trabalhou muito durante a vida: foi intelectual, escritora, política, professora, filósofa e antropóloga. Pioneira nos estudos sobre cultura negra no Brasil, também ajudou a criar diversas organizações, como o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro, o bloco Olodum e o Coletivo de Mulheres Negras N’Zinga.



Cezar Loureiro, Public domain, via Wikimedia Commons

LENA MARTINS

Sem cola ou costura. É assim que nasce essa boneca: com dois pedacinhos de pano. Um maior com nós nas duas pontas forma a cabeça, o tronco. Com outro pedaço de pano, e mais nós, surgem seus braços.

“Abayomi”, na língua ioruba, significa “o meu presente, este momento que estamos vivendo”. Hoje, encontramos bonecas negras na loja para crianças brincarem, mas nem sempre foi assim. Antigamente, todas as bonecas eram brancas de olhos azuis. A boneca Abayomi com retalhos pretos e coloridos foi criada no Brasil por Lena Martins, uma artesã e educadora que com suas bonecas leva para o mundo a consciência e a valorização da cultura afro-brasileira.

LENNA BAHULE

Lenna Bahule sabe muitas brincadeiras moçambicanas e faz da voz e do seu corpo seu instrumento musical. Ela é uma moça de Moçambique, e pelo seu jeito de brincar, parece que sempre vai ter a infância viva dentro de si. Quando ela começa a cantar, é difícil ficar indiferente. Lenna Bahule já viveu muitos anos no Brasil, mas voltou a morar em Moçambique. Além de cantar, gravar suas músicas e fazer shows, Lenna sabe ensinar brincadeiras e cantigas populares moçambicanas, nas quais a palma e algumas palavras engraçadas são a própria música. Veja só esta, a SORIDÁ que parece ter uma língua inventada, coisa que toda criança sabe fazer muito bem:

SORIDÁ, SORIDÁ, RIDÁ, RIDÁ, SORIDÁ, SORIDÁ, RIDÁ, RIDÁ

DÁ, DÁ, DÁ, DÁ, DÁ, DÁ, RIDÁ, RIDÁ

DÁ, DÁ, DÁ, DÁ, DÁ, DÁ, RIDÁ, RIDÁ

DIERÊ, DIERÊ, ERÊ, ERÊ, DIERÊ, DIERÊ, ERÊ, ERÊ

BLULUUUU... BLULUUUU... RIDÁ, RIDÁ

BLULUUUU... BLULUUUU... RIDÁ, RIDÁ

ASÍ, NHÚ, NHÚ, ASÍ, GÁ, GÁ

ASÍ, NHÚ, NH, ASÍ, GÁ, GÁ

LUÍS GAMA

Luís Gonzaga Pinto da Gama talvez seja um dos principais nomes da luta abolicionista brasileira. Nascido em Salvador em 1830, foi escravizado aos 10 anos de idade, mesmo sendo filho de uma mãe já livre e de pai branco. Foi autodidata e aprendeu a ler e escrever com 17 anos.

Se tornou advogado, orador, jornalista e escritor. Ele conquistou a própria liberdade judicialmente e passou a fazer o mesmo com diversos outros escravizados. Sua história é de muita inspiração até os dias de hoje. Infelizmente, ele morreu antes de poder ver a abolição da escravidão no Brasil. Mas com certeza suas ações contribuíram e muito, para levar uma vida mais digna aos afrodescendentes que aqui viviam.



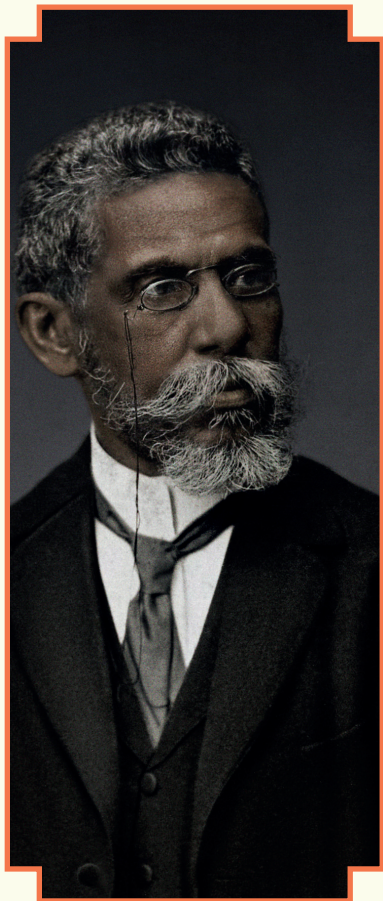
Unknown author, Public domain, via Wikimedia Commons

MACHADO DE ASSIS

Nascido no Rio de Janeiro, é considerado um gênio e talvez o maior escritor brasileiro do século XIX. Ele e o português Eça de Queiroz, provavelmente, são os maiores escritores de língua portuguesa da época.

Negro, sem ter frequentado escola e de família pobre, suas obras trazem uma ácida crítica social do que viveu entre a elite.

Escreveu *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e muitos outros livros para o público adulto. Alguns de seus contos foram adaptados para que as crianças entrassem em contato com sua preciosa escrita. Um destes contos é *A agulha e a linha*, em que uma conversa entre esses dois objetos traz uma crítica à sociedade.



Anonymous, CCBY-SA 4.0, via Wikimedia Commons

MALANGATANA

Nascido em Matalana, em 6 de junho de 1936, Malangatana Valente Ngwenya foi um artista de reconhecimento internacional. Mas antes foi pastor de animais, aprendiz de médico tradicional e empregado doméstico. Dono de um talento gigantesco, queria fazer arte de muitos jeitos diferentes. Uma hora era desenho, e na outra era pintura. Aquarelas ou murais. Esculturas ou tapeçarias. Além disso, compunha músicas e escrevia poemas e peças de teatro. Era incansável o Malangatana, que amava as crianças. Por causa delas, participou de projetos com a Unicef em Moçambique.

E a Unesco, em 1997, concedeu a ele grande reconhecimento ao ser eleito Artista pela Paz. Nunca esqueceu de sua terra natal e lá ajudou a construir o criativo Centro Cultural de Matalana.



Foto: Xanovsky, CC BY-NC-ND 2.0, via Flickr, <https://flic.kr/p/3J7SZe>

MAMÃ KUIBA

Catarina Veríssimo da Costa é uma das rainhas da culinária de Angola. Em Luanda, suas receitas conquistam a boca e os corações das pessoas que chegam até sua barraca. Uma das mais concorridas do mercado, a barraca tem o nome curioso de Mamã Kuiba. E kuiba significa “feito” em kimbundu. Mas por que “feito”? A senhora Catarina disse o seguinte: quando foi montar seu negócio, quis chamar a atenção do público, e escolheu kuiba. E deu certo! Mas isso é modéstia dela, porque as pessoas vão até lá por causa dos deliciosos pratos feitos por ela, como a meia ndungo e a quibeba de choco.

MARGARETH MENEZES

Nasceu em Salvador, Bahia. É cantora e compositora e já se apresentou em 21 turnês mundiais. Em 2023 se tornou Ministra da Cultura. Gestora em vários projetos culturais, fundou em 2004 a Fábrica Cultural em Salvador e iniciou o Programa Circulando Arte onde jovens aprendem vários ofícios artísticos.

Ganhadora de vários prêmios brasileiros, também foi indicada para o Grammy Awards e Grammy Latino. Ela foi considerada pelo jornal Los Angeles Times, como a "Aretha Franklin brasileira".



Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, CC BY 2.0, via Wikimedia Commons

MARIA AUXILIADORA

Pintora brasileira autodidata com enorme talento, ficou conhecida nacional e internacionalmente por suas obras vivas e coloridas que retratam o dia a dia, a vida rural, festas, danças, religiões afro-brasileiras, temas populares e autorretratos. Viveu a maior parte da sua vida em São Paulo, no bairro da Casa Verde e na Brasilândia, lugares que são os cenários de suas obras.

Seus trabalhos foram e continuam sendo expostos em importantes museus e galerias de arte do mundo. Tinha dezoito irmãos, muitos dos quais também eram artistas.

MARIA CELESTINA FERNANDES

Ela nasceu na cidade do Lubango, província da Huíla, no sul de Angola. Sua inspiração para escrever livros surgiu quando seus filhos eram pequenos e ela lia para eles. Um dia resolveu criar uma história para surpreendê-los. A mãe fez tanto sucesso que criou asas no livro *A borboleta cor de ouro*. *Kalimba e a árvore dos gingongos* são dois livros da escritora publicados no Brasil. *Gingongo* vem da língua kimbundu, e quer dizer ser gêmea de outra criança. Essa linda capa da edição brasileira foi feita pelo artista Jô Oliveira.

MARIA FELIPA DE OLIVEIRA

Para o Brasil tornar-se independente de Portugal, muita gente corajosa lutou para defender a liberdade de seu povo. Está enganado quem acha que foi só D. Pedro I a dar um grito no Ipiranga e tudo estava resolvido. Imaginem só se uma colônia tão rica ia ser entregue assim, tão facilmente, de mão beijada. Entre essa gente corajosa esteve Maria Felipa de Oliveira.

Maria Felipa, marisqueira e pescadora, liderou um grupo para lutar contra os portugueses, conseguindo vitórias importantes para a conquista da independência da Bahia e do Brasil que aconteceu em 2 de julho de 1823.

MARIA FIRMINA DOS REIS

Maria Firmina nasceu no nordeste do Brasil, no estado do Maranhão, e foi uma notável escritora brasileira. Notável, dentre outros motivos, porque é considerada a primeira romancista negra do país. Conhecida por dar vida a personagens negros, seu primeiro livro, *Úrsula*, traz pessoas escravizadas problematizando o sistema escravocrata ainda vigente na época.

Durante sua vida, também colaborou na imprensa local, participou de antologias e foi musicista e compositora.

Aos 54 anos de idade, passa a dar aulas para alunos e alunas que não podiam pagar pelo ensino. Suas aulas aconteciam em um barracão, que ficava em uma propriedade de um senhor de engenho. Era professora de suas filhas e de outras pessoas que lá apareciam.

MARTA VIEIRA DA SILVA

Nasceu em Dois Riachos, Alagoas. É Embaixadora da Boa Vontade da ONU Mulheres. Conhecida somente como Marta, é uma jogadora de futebol que atua como atacante ou meia-atacante. Atualmente, joga pelo Orlando Pride, time dos Estados Unidos.

Marta já foi escolhida como melhor futebolista do mundo por seis vezes, sendo cinco de forma consecutiva. Um recorde não apenas entre mulheres mas também entre homens. Foi considerada pela Revista Época uma das cem pessoas do Brasil mais influentes do ano de 2009. Desde 2015 é a maior artilheira da história da Seleção Brasileira (contando a Masculina e a Feminina) com 122 gols. E virão muitos mais!.



UN Women, CC BY-NC-ND 2.0, via Flickr, <https://flic.kr/p/2aMjdq4d>

MC SOFFIA

“Minha Rapunzel tem dread.”

“Se alguém te xingar na escola, a professora não deve só falar para pedir desculpa, mas parar a aula e explicar a beleza da cultura africana, para a criança sentir orgulho e não vergonha do seu cabelo, corpo, da sua cultura.”

Ela fez sua primeira apresentação ao público aos 7 anos! Soffia Gomes da Rocha Gregório Correia, mais conhecida como MC Soffia, é uma rapper, cantora e compositora brasileira. É conhecida pelas letras de suas canções, que falam sobre distorções sociais graves, como preconceito, racismo, machismo, e que incentivam outras garotas a se amarem do jeito que são. Mc Soffia também atua como compositora, modelo, influenciadora e agitadora cultural. São suas as músicas *Barbie black*, *Menina pretinha*, *Brincadeira de menina* e *África*.



Agência Brasil Fotografias, CC BY 2.0, via Wikimedia Commons

MILTON ALMEIDA DOS SANTOS

Milton foi um grande intelectual brasileiro. Apesar de ter se formado em Direito, durante a vida foi geógrafo, escritor, cientista, jornalista e, além disso, professor universitário. E deu mesmo muitas aulas, em muitos lugares: Salvador (Brasil), Paris (França), Nova Iorque (Estados Unidos), Dar es Salaam (Tanzânia) e São Paulo (Brasil).

Escreveu mais de quarenta livros. Trabalhou como consultor de importantíssimas organizações internacionais, como a Organização Internacional do Trabalho, a Organização dos Estados Americanos e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Muitas foram as homenagens e honrarias recebidas por Milton, entre elas o prêmio Vautrin Lud, importante marco para profissionais da área de geografia, e o Prêmio Anísio Teixeira.



Ji-Elle, CC-BY-SA 4.0, via Wikimedia Common

NATANIEL NGOMANE

Nataniel Ngomane nasceu em Homoine, é Professor de Literatura Comparada e Metodologias de Investigação na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo, Moçambique. Licenciado em Linguística pela mesma universidade, é doutor em Letras, área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP). Com textos publicados em jornais e revistas, e capítulos de livros, foi diretor da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da UEM de 2010 a 2015 e, desde 2014, é presidente do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, organismo dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) tutelado pelo governo de Moçambique.

NGUNGUNHANE

É um símbolo da resistência moçambicana na luta contra os portugueses, nascido Mudungazi, mudou seu nome para Ngungunhane, “o terrível”, “o invencível”. Era filho do rei Muzila, tornou-se rei do Império de Gaza em 1884 e nunca deu trégua aos exércitos dos colonizadores. Foi derrotado somente em 1895, preso e depois mandado embora de Moçambique, viveu o resto da vida no exílio, em Portugal. Gaza é uma das regiões mais importantes de Moçambique, sua capital hoje e Xai Xai. O escritor Mia Couto publicou uma trilogia de romances para o público adulto, chamada *As areias do imperador*, que trata justamente do fim desse império, em obras que misturam história e literatura.



Angrense, CC BY-SA 3.0, via Wikimedia Commons

PAULINA CHIZIANE

Nasceu em Manjacaze, no sul de Moçambique, em 4 de junho de 1955. Escritora de reconhecimento internacional, recebeu o maior prêmio de literatura dos países de língua portuguesa, o Prêmio Camões, em 2021. E essa vitória foi muito importante e simbólica, pois ela foi a primeira mulher africana a ganhá-lo. Paulina, quando menina, enchia os cadernos de desenhos que viravam histórias. Depois de uma semana, já estavam todos completos e era preciso comprar novos. Tinha o costume de acordar à noite para ouvir música, pintar, fazer os deveres de casa e ler. Suas histórias trazem a voz das mulheres e a riqueza cultural do povo moçambicano, como mostram seus livros *Balada de amor ao vento* e *As andorinhas*.



festival_latinidades, CC BY-SA 2.0, via Wikimedia Commons

PRETO ZEZÉ

Preto Zezé, presidente da Central Única das Favelas (CUFA), é eleito uma das 500 pessoas mais influentes na América Latina da atualidade.

A CUFA, é um grande projeto de Preto Zezé e promove atividades nas áreas de educação, lazer, esportes, cultura e cidadania, como grafite, DJ, break, rap, produções audiovisuais, basquete de rua, literatura, entre outros projetos sociais. Originalmente fundada em 1999 na Cidade de Deus, hoje está presente em todos os estados brasileiros e em outros 15 países.

Além disso, promove, produz, distribui e veicula a cultura hip-hop através de publicações, discos, vídeos, programas de rádio, shows, concursos, festivais de música, cinema, oficinas de arte, exposições, debates, seminários e outros meios. Essas produções são as principais formas de expressão da CUFA e servem como ferramentas de integração e inclusão social.

Vale lembrar que com a pandemia de Covid-19, a CUFA criou o CUFA Contra o Vírus e o Mães das Favelas, com o intuito de combater os impactos sociais e econômicos do período. O programa atendeu famílias em mais de 5 mil favelas de todo o Brasil, mobilizou mais de 425 milhões de reais e impactou mais de 13 milhões de pessoas.

RAINHA NZINGA MBANDI

Em Angola, a história das lutas contra os colonizadores passa pela rainha Nzinga. Por 37 anos ela reinou e se mantém como uma importante personagem da história do país. Foi grande combatente, estrategista militar e também diplomata. Combatia vestida com trajes masculinos e foram muitas as batalhas em que enfrentou os portugueses. Segundo o escritor angolano José Eduardo Agualusa, autor do romance *A rainha Ginga*: “Se ela tivesse ganhado a guerra contra os portugueses, a história de África seria outra”.



UNESCO, CC BY 3.0, via Wikimedia Commons

RUTH PINTO DE SOUZA

Atriz nascida no Rio de Janeiro e importante referência para atores e atrizes negras do Brasil. Foi a primeira afro-descendente a protagonizar uma novela na Rede Globo, grande emissora brasileira, e a segunda a realizar esse feito na televisão do país em geral, depois de Yolanda Braga.

Também foi a primeira atriz brasileira a ser indicada na categoria de Melhor Atriz em um festival internacional de cinema, no caso, o Festival de Veneza.

E adivinha só onde começou a participar do teatro? No Teatro Experimental do Negro, liderado por Abdias do Nascimento, já citado neste documento.



Brazilian National Archives , Public domain, via Wikimedia Commons

SILVIO LUIZ DE ALMEIDA

Nasceu em São Paulo. É advogado, filósofo e professor universitário brasileiro, atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil.

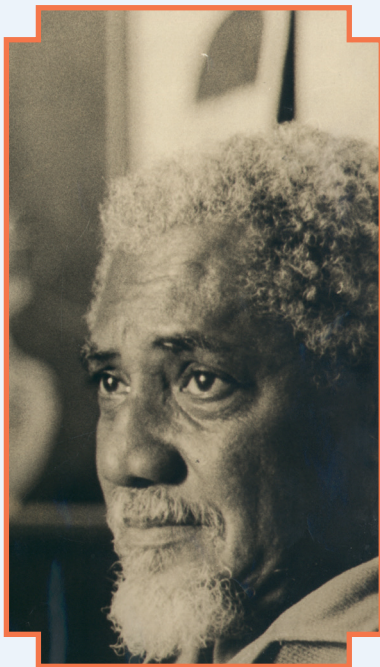
Reconhecido como um dos grandes especialistas brasileiros acerca da questão racial, preside o Instituto Luiz Gama e é autor dos livros Racismo Estrutural, Sartre: Direito e Política e O Direito no Jovem Lukács: A Filosofia do Direito em História e Consciência.



Palácio do Planalto, CC BY 2.0, via Wikimedia Commons

SOLANO TRINDADE

Solano Trindade nasceu na cidade de Recife, no nordeste do Brasil. Foi poeta, ator, pintor, cineasta... A lista é longa. Durante a vida, foi ativo na luta por mais igualdade e direitos para a população afrodescendente. Em 1934, idealizou o primeiro Congresso Afro-Brasileiro, que aconteceu em sua cidade natal. Também participou da criação da Frente Negra Pernambucana, do Centro de Cultura Afro-Brasileiro e do Teatro Experimental do Negro. Alguns de seus livros são *Poemas de uma vida simples* e *Cantares ao meu povo*.



Brazilian National Archives, Public domain, via Wikimedia Commons

SUELI CARNEIRO

Filósofa, escritora e ativista nascida em São Paulo, no Brasil. Seu engajamento político, voltado principalmente para mulheres e pessoas negras, foi muito importante no avanço de pautas mais igualitárias no estado.

Em 1988, fundou o Geledés (Instituto da Mulher Negra), primeira organização negra e feminista independente de São Paulo. Sob sua coordenação, no mesmo ano, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher criou o Programa da Mulher Negra.

Também foi responsável pelos programas SOS Racismo de Geledés e Projeto Rappers, que surgiu quando um grupo de cantores de rap da periferia da cidade pediu sua ajuda alegando que seus integrantes eram vítimas frequentes de agressão policial.

Ganhou diversos prêmios e tem vários livros publicados, entre eles: *Interseccionalidades: pioneiras do feminismo negro brasileiro* e *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*.



Andre Setti, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons

YARA NAKAHANDA MONTEIRO

Nasceu em Angola, em 1979, e mudou-se para Portugal aos 2 anos de idade. Já viveu em várias cidades, como Rio de Janeiro, Luanda, Londres, Copenhague e Atenas. Poeta e ficcionista, é comentadora do programa radiofónico Avenida Marginal, da RDP África.

Seu primeiro livro chama-se *Essa dama bate bué!* e conta a história de Vitória, que assim como Yara, é angolana, mas cresce em Portugal. Às vésperas de seu casamento, a personagem volta para Angola em busca de sua mãe. O romance mostra uma Angola pós-guerra e traz importantes discussões sobre desigualdade, violência e feminismo.

O livro de Yara, *Memórias, aparições e arritmias*, ganhou, em 2022, o Prémio Literário Glória de Sant'Anna.

YVONNE LARA DA COSTA

Cantora e compositora nascida em 1922 no Rio de Janeiro. Apesar de seu reconhecimento na música, estudou Enfermagem e Serviço Social, e também se destacou nessas áreas, com atuação importante para a reforma psiquiátrica no Brasil ao lado da médica Nise da Silveira.

Depois de aposentada, passa a se dedicar exclusivamente à carreira musical. Era conhecida como “Rainha do Samba” e “Grande Dama do Samba”. Foi a primeira mulher a fazer parte da ala de compositores de uma escola de samba e a assinar seu próprio samba-enredo.



As fotos da Viradal, CC BY-SA 2.0, via Wikimedia Commons

ZÉ OLÍMPIO

Seu Zé Olímpio é de Minas Gerais, tem perto de 80 anos e talvez os angolanos digam que ele é um “kota”. Seu Zé Olímpio é um morador da comunidade do Buraco, que faz parte de Conceição do Mato Dentro. O nome técnico é comunidade remanescente de quilombos, existem mais de 5 mil no país. Em Conceição, estão quatro delas: Três Barras, Buraco, Cubas e Candeias. Seu Zé é calmo, tranquilo, fala devagar. E de tudo sabe, sabe da chuva e da vida das plantas. sabe do tempo e da vida das pessoas, das famílias. E a família dele é muito grande, são dezenas e dezenas de pessoas, todo mundo por ali é parente. Além de tudo isso, ele também é um mestre, mestre da cestaria. Veja na fotografia as maravilhas que ele faz.



Selma Maria

Você conheceu algumas pessoas excepcionais e pioneiras. Algumas icônicas, outras menos conhecidas, mas todas levantaram questões, ultrapassaram barreiras, abriram caminhos, superaram expectativas e inspiraram gerações.

São exemplos de coragem, perseverança, força e liderança que não nos deixam esquecer como chegamos aqui e que nos lembram de que podemos e devemos ir ainda mais longe.

Esses textos nos contam um pouco sobre as raízes e a influência de pessoas negras que se posicionaram contra um mundo que nem sempre as aceitava. Conhecer essas informações nos ajuda a refletir e discutir de maneira mais informada sobre o racismo e o respeito dentro de uma comunidade escolar, de nossas casas, de instituições políticas e sociais.



Pambelle12, CC BY-SA 4.0, via Wikimedia Commons

HISTÓRIAS ESPECIAIS

AQUILOMBAR-SE

Você sabia que “se aquilombar” quer dizer conhecer as milhares de ações que acontecem nas comunidades quilombolas do Brasil?

Conhecer o que produzem e participar dessa rede de empreendedorismo negro é uma das formas de combater o racismo, pois estaremos adquirindo produtos feitos por pessoas que valorizam e vivem a cultura afrodescendente.

ILÊ AIYÊ

No maior quilombo urbano do Brasil nasceu o Ilê Aiyê, ou Ilê, que é o primeiro bloco afro do Brasil. O ilê é uma das mais importantes expressões culturais do Carnaval de Salvador, na Bahia, e também brasileira. Fundado em 1974 por Apolônio de Jesus e pelos moradores do bairro do Curuzu, esse grupo cultural promove a expansão da cultura de origem africana no Brasil. Ilê significa, em língua iorubá, “mundo negro”.



Alex Carvalho from Rio de Janeiro, Brasil,
CC-BY-SA 2.0, via Wikimedia Commons

JINJA, GINGA, GINGAR, GINGADO

Jinja é um antigo grupo étnico de Angola, de onde vem a palavra “ginga”. Ginga é o próprio fazer da capoeira.

A capoeira é um dos mais antigos movimentos sociais de resistência organizados no Brasil escravocrata. Em um primeiro momento, no período colonial, essa dança era tratada como jogo de Angola, brincadeira de Angola, dança de Angola.

Depois, quando é batizada de capoeira, adquire novos jeitos e ritmos de se dançar aqui no Brasil, mas a movimentação sempre vai para um lado e para o outro, para não se deixar atingir. Serve-se da ginga, do gingado, para confundir, e o golpe não atinge o oponente.



Romerito Pontes, CC BY 2.0, via Flickr, <https://flic.kr/p/XdtSLd>

DESCENDENTES DA REALEZA

“Mamãe, nós somos diferentes das outras crianças, por causa da nossa cor e porque nosso cabelo não é liso.”

Depois de ouvir essa frase de uma de suas filhas, a professora Janete Rodrigues de Carvalho Cordeiro começou a falar para ela sobre a África. Disse que lá é um lugar muito lindo e que as pessoas negras que chegaram no Brasil vieram desse enorme continente. Contou que pessoas negras, assim como ela, eram descendentes de uma rainha forte, corajosa, guerreira, a mais bonita de sua comunidade e que defendia seus iguais. Depois de ouvir isso, sua filha ficou muito feliz e pedia, todos os dias, para que sua mãe contasse mais e mais detalhes dessa história.

“Mamãe, então eu sou descendente de uma rainha e sou princesa!”. Para aumentar sua alegria, naquele ano a vencedora do Miss Universo foi uma mulher negra, de beleza inigualável. E adivinhem só a cor do vestido que ela usou no desfile? Verde! A mesma cor do vestido que sua filha tinha.

Janete tem duas filhas, a Ana Beatriz Carvalho da Silva e a Ester Carvalho da Silva. Esse depoimento de transmitir para a Ana e a Ester o orgulho de ser afrodescendente foi dito pela Janete durante o curso de escrita criativa na escola Daniel de Carvalho, onde ela trabalha. Quem sabe essa história não vire um livro que será contado para outras crianças? Afinal, agora, suas filhas já são mulheres adultas, que estão encontrando seus caminhos no mundo e podem espalhar experiências positivas por todos os cantos.

UM POUCO SOBRE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

O texto a seguir tem como base uma conversa realizada no dia 8 de setembro de 2022 entre a equipe da Secretaria Municipal de Educação de Conceição do Mato Dentro e o **Rogério Ribeiro Coelho**, com o intuito de entender melhor como expandir e aperfeiçoar a presença de conteúdos afro-brasileiros nas escolas da rede, estejam elas presentes em comunidades quilombolas ou não.

Atualmente, em Conceição do Mato Dentro, existem duas escolas em comunidades remanescentes de quilombo, o que faz com que a Secretaria tenha interesse em promover e oferecer uma educação mais cuidadosa e que valorize conteúdos representativos para os estudantes. Há o interesse de que sejam abordados temas como identidade, territorialidade e cultura afrodescendente.

Quanto à estrutura do texto, é importante salientar que a equipe editorial cuidou de sua edição e adequação, uma vez que ele foi produzido oralmente. Organizado em tópicos norteadores, cada bloco trata de uma temática específica e se utiliza do que foi dito pelo Rogério durante a conversa.

Conteúdo afrodescendente, inclusão, respeito às tradições locais, formação de educadores e equipe pedagógica, tudo isso será abordado. Esperamos que as próximas páginas possam contribuir na concretização de um ensino mais sensível e humano.

ROGÉRIO RIBEIRO COELHO

Professor da Educação Básica da SEDUC-TO. Graduado em Matemática, especialista em Ensino da Matemática e Educação Quilombola, mestre em Desenvolvimento Sustentável junto a povos e comunidades tradicionais, pesquisador em Educação Quilombola e Educação Escolar Quilombola, formador pelo Programa Escola da Terra pela Universidade Federal do Tocantins e pela Universidade Federal de Uberlândia.

MÚTIPLAS REALIDADES DO ENSINO QUILOMBOLA

É um processo em construção a escola quilombola, que deve se basear nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação, como aprovado por lei. Nacionalmente, alguns lugares já conseguiram avançar bastante, e outros ainda não, mas é um processo em construção. Não tem uma receita certa, estamos em busca de criar escolas dessa natureza nas comunidades quilombolas e também em escolas que atendem alunos oriundos das comunidades quilombolas. Não só nas escolas do meio rural, mas também em comunidades urbanas, comunidades quilombolas urbanas.

O caminho que nós construiremos não tem ainda uma matriz certa, tem apontamentos. Porque é assim mesmo: a realidade de uma escola para outra difere muito. Aqui, muitas vezes uma comunidade já está bem desenvolvida em algum aspecto em que outra não está. Mas todas estão em um processo próprio de construção.

O ENSINO E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCAL

Em 2018, realizei formações tanto no polo da UFA de Uberlândia quanto no polo da UFT, no campus de Arraias e Tocantinópolis, no curso de aperfeiçoamento da Escola da Terra no módulo “Linguagens Matemáticas” e tentamos trabalhar exatamente esse aspecto: a educação matemática através das atividades socioculturais das comunidades. Discutimos o processo da produção de farinha que provém de um conhecimento informal, que é repassado de geração para geração, algo cultural, para então entrarmos na parte de produção final da farinha. Para chegar na farinha, teve todo um processo anterior que se utiliza de conhecimentos da própria comunidade, como a questão do tempo, da lua, do modo

de plantar, colher e conservar, para só então chegar na farinha. Esse conhecimento é um conhecimento que a escola não traz, então está inserido na vivência deles.

Outro exemplo concreto: realizei outra formação, também da Escola da Terra, mas em uma comunidade quilombola urbana chamada Chapada de Natividade, em Tocantins. Na ocasião, me pediram para buscar algo que chamaria a atenção dos alunos. Logo pensei: “Toda criança [da comunidade] já fez arapuca”. Começamos a falar da arapuca, afinal, todos já haviam visto e conheciam o processo de construção da arapuca e, através dela, eu trouxe questões da matemática. Notem que ao mesmo tempo em que o ensino tem um objetivo similar ao trazido pelos livros didáticos tradicionais, ele tem uma forma diferente, uma linguagem diferente.

É claro que essa construção é conjunta, também depende da participação da comunidade. Como uma professora dizia: com relação à educação em escolas quilombolas, a comunidade crioula é essencial, afinal, eles sabem mais do que a gente o que é importante para ser ensinado dentro da própria comunidade.

Eu lembro que na comunidade de Kalunga, quando ocorreu o processo de escolarização em 1992, até esse ano não havia escola na comunidade, minha mãe foi uma das primeiras professoras. O futuro corpo docente teve que realizar uma formação de três meses para dar aula na comunidade, sendo uma formação baseada na teoria de Paulo Freire. Como era uma experiência inicial, em um primeiro momento foi difícil engajar a população local no processo de ensino, dado que muitos já tinham idade avançada.

Para isso, foram utilizados temas geradores. Os temas geradores seriam assuntos que, através da vivência da comunidade, trariam maior envolvimento dos alunos às aulas. Naquela época, tudo poderia ser tratado como novo dentro da comunidade, não havia acesso à estrada, por exemplo. Portanto, o próprio carro, assim como avião ou meios de transporte que não o cavalo, era novidade.

Então, quando a gente leva algo que eles conhecem, que está presente na realidade deles, eles dialogam, participam, dão sugestões. Me lembro de um caso de uma professora, que não participou da formação, e que, após o período de férias, solicitou aos alunos que fizessem uma

redação sobre um leão. Nenhum aluno conseguiu. Eles não sabiam o que era um leão. Para ela, era simples, mas para eles, não. Nós temos que partir da realidade em que estamos inseridos, da realidade deles.

Um último exemplo de tema gerador aqui das comunidades em que eu trabalho é a colheita de arroz, e nela os meninos atuam diretamente como “vigias” antes e depois do processo, para que os passarinhos não comam a produção. É importante também mencionar que o período de férias da escola da comunidade foi alterado dado a realidade da comunidade, que inclui, por exemplo, as colheitas em que os alunos têm de trabalhar diretamente.

DIRETRIZES PARA O ENSINO QUILOMBOLA

Essas e outras sugestões podem ser encontradas no que eu considero o maior documento em ensino quilombola que temos no Brasil, a resolução número 8 de 2012, do Conselho Nacional de Educação sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Também menciono que o Projeto Político Pedagógico (PPP) auxilia na direção e execução dessas atividades.

Os projetos voltados para comunidades quilombolas devem estar alocados no PPP das instituições de ensino. Portanto, tudo que discutimos tem que constar do PPP. Um ponto de dificuldade, entretanto, são os materiais pedagógicos que não têm, por enquanto, um viés específico para esse tipo de ensino. Por isso a importância da formação e boa orientação para gestores e educadores dessas escolas.

O ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE

Mais um exemplo concreto. Trabalhei na Escola da Terra, no Tocantins. A Escola da Terra no Tocantins não oferecia a etapa posterior ao 9º ano. Com isso, muitos estudantes paravam os estudos por não terem condições de ir a outra cidade para completar sua formação. Logo, existiu uma demanda da própria comunidade quilombola para que houvesse, também, uma expansão. E é interessante que esse processo ocorra da própria comunidade para que ela participe ativamente da formação dos quadros pedagógicos, afinal, esse aspecto também se encontra dentro das diretrizes curriculares.

Levamos membros da comunidade para nos auxiliar da forma que era possível, através, principalmente, de histórias sobre a comunidade, estimulando um ponto que já conversamos, aplicar a vivência da população em seu ensino. E foi um processo que apresentou resultados, fornecendo ensino para a população mais jovem, mas também para a população adulta que auxiliava na formação.

A INSERÇÃO DE ESTUDANTES JOVENS E ADULTOS

A questão do ensino para a população adulta é extremamente sensível. Por muitos anos, construiu-se a ideia de que uma pessoa de idade mais avançada não gostaria de entrar em um processo de escolarização. Porém, teve um projeto de extensão da FUP/UND na qual eu acompanhei que demonstrou o oposto. O projeto consistia, simplesmente, em ensinar a população a assinar o próprio nome. Não era de alfabetização completa, somente de ensinar essa população a escrever o próprio nome. E era incrível a felicidade dos alunos no fim do curso. Foi um projeto específico, mas que conduziu a um grande passo.

Outro ponto de dificuldade, é claro, é o apoio local das Secretarias de Educação do qual esses projetos dependem bastante. Mas nas situações em que há interesse por parte delas, tudo se torna mais fácil.

A RELAÇÃO ENTRE O CICLO FESTIVO E O CICLO ACADÊMICO

Então, outro aspecto que é importante salientar são as festas e os festejos. Na minha região, temos o calendário festivo e o calendário agrícola. O calendário festivo, que acontece depois da colheita e organizado por pessoas da comunidade, chamadas de Imperador e Rainha, começa em junho, com Santo Antônio, São João Batista; em julho, São Sebastião, Império São Sebastião; em agosto, Nossa Senhora da Abadia; em setembro, o Império de Amarante; e em outubro, Nossa Senhora Aparecida. Terminado este último festejo, encerra-se no final de outubro, o calendário festivo. Estes festejos são uma forma de agradecimento pelo plantio, pela colheita e também por agradecimento aos santos.

Com isso, a comunidade retoma o calendário agrário, para novamente plantar, sendo conduzido até o início do próximo calendário festivo, em junho.

No início, houve muita resistência da Secretaria Educacional em entender a necessidade de adequar o ciclo escolar ao ciclo festivo, o que fazia com que muitos alunos não comparecerem às aulas, pois estavam acompanhados de seus responsáveis nos eventos culturais da comunidade. Como resposta a essa ausência em sala de aula, a Secretaria Educacional criou a escola móvel. Dessa forma, não havia a necessidade de cessar as festividades, e, por consequência, levamos o ensino para dentro delas. Com isso, os professores e a própria comunidade tinham atividades com os alunos de educação ambiental, de artes, tudo relacionado às festas. Foi uma relação benéfica para ambos os lados, tanto para a comunidade quilombola quanto para a Secretaria de Educação.

O QUE VOLTA PARA A COMUNIDADE

Como fazer com que a renda produzida pelo conhecimento das pessoas da comunidade retornem para ela mesma? Como gerar renda a partir desse ensino?

Ao inserir as produções locais como o artesanato no ensino, nós aproximamos a população tanto do seu produto quanto do ensino, gerando, assim, uma possível fonte de renda e conhecimento escolar. Observamos hoje um número cada vez maior de ex-alunos que visam retornar à comunidade após o fim de seus estudos, algo que não ocorria antes dada a necessidade dessa população de se profissionalizar de forma antecipada e, por muitas vezes, precarizada. Agora, esses alunos podem buscar uma autonomia financeira dentro da comunidade. Claro que esse processo não é somente educacional, temos que ter apoio de outros órgãos, de mais instituições através, principalmente, de projetos que tenham um olhar diferenciado para essas pessoas.

NOME DAS ESCOLAS

Um último ponto que eu gostaria de trazer e que considero bem importante, apesar de ser pouco discutido, são os nomes das escolas que se encontram dentro das comunidades quilombolas. Em nossa comunidade, as escolas tinham nomes de políticos, doadores de terra, grandes famílias, etc. Os nomes não tinham relação íntima com a comunidade, sendo, praticamente, um resquício de um processo colonial. Com o tempo, alteramos os nomes para indivíduos daqui, algo que foi aprovado pela população e, claro, auxilia no processo de inserir a história local e a territorialidade no processo escolar.

BIBLIOGRAFIA

Uma grande produção artística literária começou no Brasil depois da aprovação da Lei 10.639, com a obrigatoriedade do ensino de cultura africana e afro-brasileira, avocendo o protagonismo negro na escola.

Abordamos aqui uma produção editorial cuidadosa com temas variados necessários para olharmos com atenção para a população brasileira afrodescendente, que representa 56% do nosso país.

BOAS HISTÓRIAS INFANTOJUVENIS:

Amoras, de Emicida.

Lulu adora histórias, de Anna Mcquinn.

Meu avô é um tatá, de Janaína de Figueiredo.

O mundo no Black Power de Tayó, de Kiosam de Oliveira.

Palmas e vaias, de Sonia Rosa.

Tio Flores: uma história às margens do rio São Francisco, de Eymard Toledo.

LIVROS PARA ADULTOS SOBRE PROTAGONISMO NEGRO:

A natureza do espaço – Técnica e tempo, razão e emoção, de Milton Santos.

Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto, de Luciana Hidalgo.

Das quadras para o mundo, de Preto Zezé.

Enciclopédia negra, de Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Moritz Schwarcz.

Essa dama bate bué, de Yara Nakanda Monteiro.

Garota, mulher, outras, de Bernardine Evaristo.

Maria Auxiliadora: vida cotidiana, pintura e resistência, de Adriano Pedrosa.

Memórias da plantação, de Grada Kilomba.

Niketche: uma história de poligamia, de Pauline Chiziane.

Olhos d'água, de Conceição Evaristo.

O perigo de uma história única, de Chimamanda Ngozi Adichie.

Pequeno manual antirracista, de Djamilia Ribeiro.

Poemas antológicos, de Solano Trindade.

Por um feminismo afro-latino-americano, de Lélia Gonzalez.

Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus.

CONTEÚDO DIGITAL COM PROTAGONISMO NEGRO:

Vídeo: Biblioteca antirracista – com Lu Bento e Camila Dias

Canal: A cigarra

Link: <https://youtu.be/hesLFV1TKVg>

Vídeo: Seminário 20 anos de cotas no Brasil – Quilombo Literário – mesa 3

Canal: Quilombo Literário

Link: <https://youtu.be/ouO8KphylMo>

Vídeo: Transmissão ao vivo do espetáculo *Ledores no Breu* – 13 de junho – Teatro de Contêiner Mungunzá

Canal: Cia do Tijolo

Link: https://youtu.be/t8IZ_ANFW90

Instagram:

@amaeprta

@camillaeseuslivros

@quilomboliterario

MATERIAIS DE APOIO SOBRE EDUCAÇÃO QUILOMBOLA - INDICADOS POR ROGÉRIO RIBEIRO COELHO:

Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Link: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola
na Educação Básica

Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da qualidade das
Escolas Quilombolas

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações
Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira
e Africana

Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das
culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência
da Lei nº 11.645/2008

Reexame do Parecer CNE/CEB nº 15/2010, com orientações para
que material utilizado na Educação Básica se coadune com as políti-
cas públicas para uma educação antirracista

Todos esses documentos podem ser acessados pelo site do Ministério
da Educação.

Link: <https://www.gov.br/mec/pt-br>

Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

Link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

FICHA TÉCNICA

Realização

Prefeitura de Conceição do Mato Dentro (Minas Gerais)
Secretaria Municipal de Educação de Conceição do Mato Dentro
Programa Escolas que se Abraçam

Equipe da Secretaria de Educação

Secretária: Juliana Rajão Costa Lima
Secretária adjunta: Márcia Luciana Duarte Simões
Coordenadora pedagógica: Rejani Socorro da Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Santos, José

Por uma escola cada vez mais colorida / José Santos. São Paulo : Lá e Cá Empreendimentos Culturais, 2023. – (Escolas que se abraçam)
64 p. : il.

ISBN: 978-65-981175-0-4

1. Biografias. 2. Afrodescendentes. 3. Educação. I. Título. II. Série.

CDD 920.0092

Bibliotecário Responsável: Oscar Garcia - CRB-8/8043

Índice para catálogo sistemático:

1. Biografias. Personalidades negras 920.0092

Equipe de redação

Guilherme Salgado Rocha
Hasan Boscarior
José Santos
Paloma Comparato
Paulo Netho
Selma Maria

Revisão

Daniela Uemura

Design e ilustração de capa

Wendell Costa

Diagramação

Erika Neves

Apoio e pesquisa

Hasan Boscarior
Luiz Henrique da Silva Oliveira

Consultoria

Rogério Ribeiro Coelho

Produção

Alexia Consuelo dos Santos Silva
Lydia Arruda



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Você tem o direito de copiar e redistribuir esta obra em qualquer suporte ou formato, de acordo com os termos seguintes: 1. Atribuição – Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou seu uso; 2. NãoComercial – Você não pode usar o material para fins comerciais; 3. SemDerivações – Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.

Os termos desta licença também estão disponíveis em: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR>.



Conceição
DO MATO DENTRO

PREFEITURA MUNICIPAL • 2021-2024
JUNTOS POR UM NOVO TEMPO



Conceição
DO MATO DENTRO

PREFEITURA MUNICIPAL • 2021-2024
JUNTOS POR UM NOVO TEMPO

